

UMA FORÇA INTERIOR

... UM AMOR ENVOLVENTE

Um aprofundamento sobre o vínculo vital com a Virgem Mãe de Irmã Maria Dolores Inglese das Servas de Maria Reparadoras

«Mas, vos parece justo, vós na Igreja principal e nós em Via Bagni para a vossa Obra de reparação?» Este diálogo, direto e franco como entre duas amigas, que Irmã Maria Dolores (no mundo Maria Inglese) entretém com a imagem de Nossa Senhora das Dores de Rovigo – que se encontrava agora na capela do Crucifixo da Igreja principal, logo após a transformação da igreja de São Miguel Arcanjo em hospital militar durante a Primeira guerra mundial – solicitou-me a aprofundar a comunhão vital de Irmã Maria Dolores com a Virgem Mãe, no centenário da transladação da imagem para o Noviciado da nossa Congregação religiosa, na época na via Bagni (hoje Via Levico) e nos 92 anos do nascimento para o céu da Venerável Serva de Deus.

Escrevia Madre Maria Elisa Andreoli, fundadora de nós, Servas de Maria Reparadoras, na Agenda, em 29 de dezembro de 1911: «Entra Maria Inglese, alma privilegiada por Nossa Senhora das Dores. Ela propagou e fundou a Reparação a Nossa Senhora das Dores; agora, estando difundida em toda parte precisa de um centro. Nossa Senhora escolheu a nossa ínfima comunidade».¹

Na *Autobiografia*, que no fundo é uma contínua oração a Nossa Senhora, Irmã Maria Dolores afirmava: «A dulcíssima Senhora havia roubado o meu coração»; e suplicava: «Virgem santa, na minha pequenez, que poderei fazer para agradar-vos?». Um amor intenso e sempre difundido, desejoso de envolver outras pessoas, de expressar-se com gestos concretos. Na sua juventude, já havia ouvido o convite da Virgem: «Minha Maria, recomendo-te: faz alguma coisa por mim...». A resposta de Maria Inglese tinha nome: “reparação mariana” e havia encontrado-a através de uma procura contínua de propostas simples, mas capazes de envolver um grande número de pessoas e a toda a Congregação das Servas de Maria Reparadoras.

Era movida por uma particular força interior cuja referência à Virgem Santa era: «Mas se não recorrermos a vós, que sois a nossa muito amada Mãe, como teremos a pretensão de voltar-nos para o vosso divino Filho? Bem sabemos, ó Virgem bendita, que as nossas pobres orações, apresentadas pelas vossas mãos ao vosso divino Filho

¹ O presente artigo tem como referência bibliográfica: PACIFICO M. BRANCHESI, O.S.M. e M. ROSAURA FABBRI, S.M.R. (aos cuidados de), Servas de Maria Reparadoras: *Os primeiros ensaios históricos*, Casa Geral S.M.R., Roma, 1992, pp 93-135

Jesus, atraem sobre nós e sobre a Igreja as bênçãos mais eleitas». (*Tríduo a Nossa Senhora das Graças*, 3).

As fontes que nutriam o intenso amor de Irmã Maria Dolores a Nossa Senhora eram a oração e a contemplação, esta última como uma forma eficaz de mergulhar no mistério e para ficar profundamente envolvida. Para quem pedia um conselho escrevia: «Então coragem, minha querida, oração perseverante, confiança ilimitada naquela que tudo pode junto ao Senhor».

Para ela, era importante também a relação entre contemplação e ação. Esta união transparece sempre com evidência num trecho da *Autobiografia*: «Com frequência, após ter trabalhado o dia todo, não sentia necessidade de repousar, mas antes aquela de escrever alguma coisa para a minha querida e celeste Senhora. Por isso, pegava papel, caneta e tinteiro e sentava-me perto de uma querida imagem de Nossa Senhora das Dores, que tinha no quarto, e lhe dizia: “Minha querida mãezinha, Senhora, o que devo escrever? Naqueles momentos, sentia o coração tão cheio de afeto pela minha amável consoladora que era forçada a prostrar-me aos seus pés. Oh! Momentos de paraíso. Parece-me viver outra vida e, sem perceber, passava longas horas diante da sagrada imagem... Finalmente, acorria que devia escrever e muitas vezes sentia sussurrar as frases, de modo que em poucos minutos eu já havia acabado de escrever».

Tornando-me Irmã e satisfeito o desejo de ver a imagem da Virgem das Dores – já conservada na igreja de Rovigo de São Miguel Arcanjo, onde também ela foi testemunha do evento prodigioso de 1º de maio de 1895, colocada na sua mesma casa do Noviciado, as horas de oração assumida e de contemplação foram muitas.

De Jesus sacramentado e da “sua” Senhora obtinha o alimento para a alma e o vigor para um eficaz apostolado. Sempre escrevia na *Autobiografia*: «Gostaria de dizer-lhe muitas coisas, ó minha dileta mãe: gostaria ter habilidade suficiente, para poder expressar pelo menos uma pequeníssima parte da imensa gratidão que sinto no meu pobre coração; gostaria que o vosso santíssimo nome fosse por todos honrado e bendito; queria que de um ponto ao outro da terra ressoasse o suave eco: quanto sois bondosa, Maria!». E, na pequena revista *Lega mariana Reparadora*, XIII (1928), n. 4, anotava: «A intimidade com Maria conduz à intimidade com Jesus e nos faz alcançar a santidade. Ele veio a nós por meio dela, e por meio dela tem a satisfação de dar-nos as suas graças. Portanto, com confiança filial, elevaremos a Maria, o nosso cântico e a nossa prece».

Em modo fluente, a Encíclica de Pio XI *Miserentissimus Redemptor* (8 de maio de 1928) referindo-se ao culto do Sagrado Coração de Jesus, confirmou-a na intuição da analogia entre a reparação ao Coração de Jesus e a reparação mariana, analogia que marcava o início da sua Obra e dava ao seu zelo apostólico a certeza de ter construído sobre a rocha. Para Irmã Maria Dolores, a reparação mariana, de fato, não era somente um conjunto de práticas devocionais, mas um modo de viver a vocação cristã, também no serviço aos outros, colaborando com Cristo a exemplo de Maria no advento do Reino de Deus, favorecendo a justiça e a paz, respondendo ao mal com o bem, reconciliando-se e perdendo-se no espírito de uma verdadeira comunhão fraterna.

Um aspecto determinante na vida espiritual de Irmã Maria Dolores foram “os sonhos e as visões”. Ela mesma fala “com discrição”, sem com isto comparar-se aos personagens do Antigo Testamento. Na vida da serva de Deus, estes marcam as suas decisões; de fato, reconduzem a um único sonho que se alimenta de colóquios noturnos com a Virgem, dando forma a toda a sua vida.

Este se acende, quando acontece o fenômeno prodigioso do movimento dos olhos de Nossa Senhora das Dores, que conduz Maria Inglese a permanecer de modo contínuo aos pés da cruz de Jesus, onde a Mãe “estava” (cf. *Jo* 19,25): um “estar” que define a participação de Maria ao mistério da redenção e solicita aos fiéis para associar-se, com ela, ao Crucificado para a salvação da humanidade.

A profunda união com Cristo na reparação mariana é por Irmã Maria Dolores autenticamente vivido, com extraordinário fervor. Basta pensar na centralidade do culto eucarístico que praticava com a comunhão cotidiana e a prolongada oração diante do Ss.mo Sacramento.

Na sua morte (29 de dezembro de 1928), Madre Elisa escreve nas *Memorie*: «Em 29 de dezembro, em Rovigo, morre Maria Dolores Inglese, vigária geral do Instituto desde 1920. Todos conhecem a sua vida edificante como leiga e como religiosa. Quanto fez pela reparação à Maria santíssima, madre Elisa escreveu nas páginas anteriores. Alma santa, que já goza o prêmio no paraíso, roga por mim, Madre Elisa, a quem você tanto amou».²

Também nós, Irmãs e Leigos que se relacionam com as nossas comunidades, valorizemos o seu testemunho de vida como mulher leiga, serva de Maria e animadora incansável da reparação mariana; reconheçamos a sua herança espiritual como um dom precioso na e pela Igreja. Abertos ao Espírito, que sempre nos ilumina, somos convidados a oferecer-nos na Igreja para uma nova humanidade em Jesus Cristo, nosso irmão.

Maria Grazia Comparini smr - Postuladora

(Publicato in *Riparazione mariana*, 3-4/2020, pp. 16-17)

² PACIFICO M. BRANCHESI, O.S.M. e M. RENZA VERONESE S.M.R. (aos cuidados de), Servas de Maria Reparadoras: 2. *Silloge di Documenti* dal 1891 al 1935, *Os primeiros ensaios históricos*, Curia Generalizia S.M.R., Roma, 1978, p. 457.